

O SEGREDO DA PLUMA

MELODY ARNETT

Na quinta série, eu me sentava na terceira fileira da esquerda para a direita, a segunda se contasse de frente para trás, com as mãos cruzadas e os pés no chão. O pastor Beikman nos recitava os mandamentos todas as manhãs, como uma primeira refeição que nós mastigávamos, engolíamos e - principalmente - temíamos. Eram esses os fundamentos da minha educação em criança: estudar, decorar, repetir.

Os ensinamentos da escola paroquial sedimentaram em mim princípios e convenções num mundo em que os homens eram prestigiados e as mulheres, consideradas invisíveis. Os homens descobriam novas terras, explicavam novas teorias e as leis do universo, além de terem escrito a Bíblia. Mas foi uma mulher que estimulou o meu espírito e me convidou a lançar sobre a vida um olhar mais profundo, a amar sinceramente e a reconhecer Deus em todas as coisas.

Uma manhã o pastor anunciou que estava trocando de função e deixando o comando da escola. Apresentou-nos a professora substituta, a senhorita Newhart, e um murmúrio agitado percorreu a sala. Uma mulher alta, com um penteado que mais parecia uma colmeia, sapatos de plataforma e uma saia que quase mostrava os joelhos, a senhorita Newhart era enérgica e suave ao mesmo tempo. Falava com as mãos, grandes e sardentas, e com gestos largos. De uma bolsa, quase uma mala, tirou plumas que distribuiu aos alunos, dizendo-nos que eram presentes enviados pelos donos originais - pássaros que haviam posto fora a plumagem em excesso, deixando para trás coisas que não precisavam mais carregar. Naquela manhã, nosso mundo mudou - e logo alguma coisa também mudaria em nós.

Na aula de história daquele dia, a senhorita Newhart nos contou a história de Cristóvão Colombo. Estando no mar há muito tempo, seus marinheiros se rebelaram e queriam desembarcar. Falava-se em motim, Colombo temia pela própria vida. Então, num amanhecer, uma pluma caiu do céu, indicando que se aproximavam de terra firme. A senhorita Newhart contou que os marinheiros viram mais gaivotas guinchando e rodopiando no ar. Para ilustrar o voo das gaivotas, ela dramaticamente arremessou os braços, fazendo tremular a pele sardenta e roliça de seu tríceps. Rodou em círculos velozmente, girando os pés, fazendo a saia bater nas pernas. Parecia que ia levantar voo. A senhorita Newhart me ajudou a ver o mesmo que aqueles marinheiros devem ter descoberto: há esperança até na menor das coisas.

Na manhã seguinte, a bolsa da senhorita Newhart estava cheia até em cima. Dentro, um pôster da Última Ceia, um pincel, um compasso e um tubo comprido e cilíndrico. Do tubo ela tirou um desenho em preto e branco e o pregou no quadro. Era um círculo, dentro do qual havia um homem, braços totalmente abertos, tocando a circunferência, os pés afastados na parte de baixo. Dimensões, figuras, desenhos e números estavam rabiscados por toda a

folha. "Da Vinci", ela disse num sussurro, "era mais do que um pintor. Ele estudava os assuntos até saber tudo sobre eles: o homem, a natureza, ciências, matemática...

"Ele sabia alguma coisa sobre plumas?", perguntei. A professora de cabelo de colmeia adorou a pergunta.

Pioneiro na ciência da aerodinâmica, Leonardo da Vinci estudou as plumas. Quando vista do alto, uma pluma parece convexa, arqueada delicadamente para cima e para fora, deixando o ar passar sem oferecer resistência. Quando as plumas estão juntas, como numa asa, criam um aerofólio, algo que oferece a resistência certa ao ar. A senhorita Newhart, que era mais do que uma professora, e da Vinci, que era mais do que um pintor, me mostraram como ver o extraordinário mesmo em algo bem pequeno.

Mais tarde, no mesmo dia, a senhorita Newhart levou-nos a um campo fora dos muros da escola. Lá nos deitamos no chão, cobrimos nossos corpos com folhas, galhos e gravetos.

O campo se tornou nosso refúgio, nossa janela para o céu.

Naquele lugar só nosso aprendíamos a ficar quietos, descansar, observar, deixando os besouros rastejarem por cima de nós, prestando atenção nos pássaros e estudando seus movimentos.

À saída da escola, a senhorita Newhart ficava na porta tocando o ombro de cada aluno e dizendo "Até amanhã" ou ... Deus o abençoe". Lembro como suas mãos eram quentes e leves. Muitas vezes me pedia para ficar mais um pouco, arrumar carteiras, jogar fora papéis velhos ou apagar o quadro.

Durante uma daquelas tardes abençoadas, dividi com a senhorita Newhart um problema que eu mantinha em segredo. Contei-lhe que eu amava os pássaros mais do que amava a Deus, o que era um pecado, segundo os mandamentos. Minha professora procurou a Bíblia em sua mesa, abriu-a no Livro dos Salmos e leu: Ele te cobrirá com suas plumas e debaixo de suas asas te abrigará; sua fidelidade é escudo e couraça. Ela escreveu o pequeno verso e me entregou o papel. Ainda o tenho comigo.

Eu não sabia o significado da palavra couraça - isso não tinha a menor importância -, mas aprendi uma coisa fundamental para minha vida: eu tinha permissão para amar as coisas profundamente, porque Deus está em todas as coisas e me presenteou com elas. Indo para casa naquela tarde, pensei que eu seria capaz de voar. Corri, braços esticados, pernas para trás, deslizando sobre as calçadas, como se fosse um pássaro.

No pescoço, eu uso um pássaro, um berloque de ouro que ganhei quando criança. As asas do pássaro se tornaram um símbolo. Fazem-me lembrar do voo nas calçadas há tantos anos e das estradas que percorri desde então. E, à medida que os anos passaram, eu também me tornei um pouco pluma: ofereço menos resistência aos sacrifícios que a vida impõe e suporte melhor as dificuldades.

Como professora, guiei muitas crianças através das águas às vezes turbulentas das frações, das leituras e das dúvidas sobre a capacidade de fazer alguma coisa. Eu as conduzi a salvo até a praia quando estavam

perdidas. Aprendi, de vez em quando, a descansar em lugares tranquilos e a deixar para trás as coisas que não preciso mais carregar, como ressentimentos, mágoas e decepções.

Tenho força interior, um modo tranquilo de ser e acredito, do fundo do coração, que poderei suplantar todas as dificuldades.

Todas as coisas mais cheias de amor nos chegam de maneira simples,
é o que me parece.

EDNA ST. VINCENT MILLAY